

“O Mago do Kremlin” – O poder invisível por trás do poder visível

written by Ângela Soeiro | 10 de Abril, 2026



Mas ainda bem que, de vez em quando, nos contrariamos.

O Mago do Kremlin leva-nos para um universo onde o poder não é apenas exercido, mas é construído, moldado e narrado. É um filme intenso e **profundamente político**, que nos mergulha nos bastidores da influência, da estratégia e da manipulação silenciosa. Nada é totalmente explícito, mas tudo parece cuidadosamente calculado.

Desde cedo percebemos que não estamos perante uma narrativa política convencional, mas sim perante um **retrato psicológico** do poder e de quem o sabe manipular. Um poder que raramente se manifesta de forma direta, mas que se exerce através da narrativa, da perceção e da forma como os acontecimentos são interpretados.

O filme sustenta-se precisamente nessa ideia: a de que a **política não vive apenas nos grandes momentos de decisão**, mas sobretudo nos bastidores, onde se constroem discursos, se moldam leituras e se influenciam destinos. E talvez isso nos aproxime de uma verdade mais ampla: a de que a política não está distante de nós. Está nas estruturas que nos rodeiam, nas escolhas que fazemos e nas condições em que vivemos, desde a habitação ao acesso à educação, ao trabalho e às relações. Tudo é política.

A atmosfera do filme é densa, controlada e **quase hipnótica**. Há uma contenção constante, como se cada diálogo escondesse mais do que revela. O espectador é colocado numa posição de observação permanente, sempre ligeiramente atrás do que está realmente a acontecer, como se a verdade estivesse sempre um passo mais à frente.

É neste contexto que a interpretação de **Paul Dano** ganha um peso particular. Com uma contenção emocional quase absoluta, constrói uma personagem feita de silêncio, microexpressões e uma voz monocórdica que reforça a sensação de distância emocional. Há nele algo de permanentemente contido, como se carregasse o peso das decisões que toma sem nunca o exteriorizar de forma evidente. E é precisamente nessa economia de expressão que a sua performance se torna tão eficaz.

A sua presença funciona como um eixo silencioso do filme: **alguém que observa mais do que intervém**, que calcula mais do que reage, e que ajuda a sustentar a densidade de um filme que se estende ao longo de 2h30 sem perder coerência ou intenção. Esse tempo, longe de ser excessivo, acaba por ser necessário para dar espaço à complexidade dos acontecimentos e das dinâmicas que são apresentadas.

Em contraste, **Jude Law** entrega uma interpretação competente, mas que, pelo menos na minha leitura, **não chega a construir um Putin totalmente convincente**. Ainda assim, reconheço que essa

percepção pode ser influenciada por uma certa **dificuldade pessoal** em dissociar a figura histórica da sua representação.

Do ponto de vista cinematográfico, o filme aposta numa **linguagem contida e deliberadamente lenta**, com uma fotografia que reforça a sensação de distância e controlo. Não é um filme de ação, mas sim de **tensão intelectual**. É um filme que exige atenção e disponibilidade **para ler o que não é dito** de forma explícita.

Em suma, O Mago do Kremlin é um retrato inquietante do poder enquanto construção invisível. Um filme que não se limita à política enquanto instituição, mas que a explora enquanto mecanismo de influência e narrativa. E que nos deixa com uma ideia difícil de ignorar: **o poder raramente está onde o vemos**; está, sobretudo, na forma como nos fazem ver o mundo.